

A filosofia existencial de Karl Jaspers

ANTÓNIA CRISTINA PERDIGÃO (*)

1. A VIDA

Karl Jaspers foi um filósofo alemão contemporâneo (1883-1969) cuja vida pessoal, bem como o percurso intelectual, foram vividos na dependência da debilidade física que o caracterizou desde criança. «Siendo aún niño de pecho ya les parecí poco sano a mis padres. Mi respiración era dificultosa y en ella se percibía un estertor» (Jaspers, 1969, p. 168). Às estases brônquicas, que o enfraqueceram desde tenra idade, viria mais tarde acrescentar-se uma insuficiência cardíaca secundária que contribuiria para o arrastamento irreversível da doença por toda a sua vida. Jaspers viveu-a, de acordo com o que escreveu na sua autobiografia (Jaspers, 1969), como um destino.

Apesar disso, o seu pensamento espelha, no entanto, uma pessoa que viveu o seu quotidiano em função de uma consciência profunda dos seus limites, por um lado, e de uma luta constante na tentativa de os superar, por outro. A sua obra foi amadurecendo na vivência da proximidade simultânea do fracasso e das possibilidades da sua

superação. Deu, a seu modo, conteúdo e sentido às palavras de Abbagnano (s.d., p. 46): «(...) *existir* significa, pura e simplesmente, *filosofar*, se bem que filosofar nem sempre signifique fazer filosofia. Com efeito, filosofar significa para o homem, antes de mais, defrontar, com olhos bem abertos, o seu destino e a si mesmo pôr, com clareza, os problemas que resultam da justa relação consigo próprio, com os outros homens e com o mundo. Significa não já limitar-se a elaborar conceitos, a idear sistemas, mas escolher, decidir, empenhar-se, apaixonar-se; em suma, viver autenticamente e ser autenticamente ele próprio.»

A humanidade e a autenticidade que condicionaram e influenciaram em grande parte a filosofia de Jaspers ficaram também a dever-se à influência exercida por outros factores. São disso exemplo, a educação de amor, razão, rectidão e fidelidade que recebeu; a experiência de solidão vivida durante o liceu e desencadeada por um meio social formalista e estratificado; as leituras que Jaspers foi fazendo a partir dos dezassete anos, nomeadamente das obras dos filósofos do passado; os mestres que teve, com destaque para Max Weber.

2. A OBRA

Depois dos estudos em Direito, Jaspers enveredou pelos estudos em Medicina e acabou por se dedicar à neurologia e à psiquiatria que lec-

(*) Bolseira, no âmbito do Programa Praxis XXI, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Doutoranda do ISCTE, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Assistente do ISPA, Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

cionou durante algum tempo. Parte integrante deste percurso foi também o Doutoramento que o revelou um investigador de alto mérito e contribuiu para a abertura de novos caminhos nesse percurso intelectual¹.

Foi nesta fase que estabeleceu uma distinção fundamental e abrupta, tanto ao nível do método como do objecto, entre ciência e filosofia. A partir dela, e embora tenha começado como cultor das ciências positivas, Karl Jaspers acabaria por optar definitivamente pela filosofia que leccionou a partir de 1921. «Quería conocer realidades; al principio fueron las ciencias físicas y naturales y la medicina, después la historia y, finalmente la política y la teología. No hay nada que no ataña a la filosofía. (...). Porque lo importante no es saber mucho o saberlo todo, sino poner en claro en todos los terrenos los fundamentos del saber, los fundamentos de la realidad, y al mismo tiempo actualizarlos en un detalle concreto» (Jaspers, 1969, p. 51)². Esta opção de Karl Jaspers foi movida acima de tudo pelo propósito de tentar estabelecer um novo campo de reflexão filosófica e não tanto, como se poderia facilmente supor, pela tentativa de reconciliar os diferentes «ismos»³ que continuavam divididos e cujos ataques teve que enfrentar.

A este nível, o seu ponto de partida acabou

por ser o centro da sua reflexão e discurso filosóficos: *o ser-no-mundo enquanto ser-em-situação*. A situação cujo sentido está ligado embriologicamente a todos os temas que giram em torno da existência humana como o são, por exemplo, a temporalidade, a historicidade, a liberdade, a finitude, o sofrimento (e/ou o naufrágio), a morte, a transcendência. Como escreveu Manuel Antunes (1973, p. 142) a esse respeito, Jaspers pensou-os através de rupturas sucessivas «num movimento *prospectivo* de descoberta, esclarecimento e envolvimento». Num movimento em que deu contornos a um *pathos* que foi alastrando, mas que conseguiu também diluir-se por vezes numa visão ampla dos vários e diferentes aspectos da existência. Subjacente à obra jasperiana esteve sempre a tentativa continuada de, através de um discurso existencial, compreender o vivido a partir do *dentro* e acompanhar o fluxo da própria vida no seu sentido humano.

Interlocutor simultâneo de Kierkegaard e de Nietzsche, Karl Jaspers foi, juntamente com Heidegger, um dos mais atentos e interessados «analistas» da existência humana⁴, assim como um dos grandes renovadores do pensamento filosófico do século XX. Respectivamente, foi o modo como aprofundou e deu continuidade a alguns dos aspectos fundamentais e característicos da obra kierkegaardiana que o conduziram ao abandono do método fenomenológico. No que diz respeito à obra de Nietzsche, Jaspers aceitou a transmutação dos valores, estruturada numa crítica demolidora dos vários grilhões da Verdade, e a exaltação da paixão dessa mesma Verdade. Com Heidegger partilhou tanto as semelhanças como as diferenças justificando as letras de Manuel Antunes (1973, p. 141) que dizem, a respeito de ambos, terem sido «os Dioscuros do existencialismo germânico do século XX».

A filosofia existencial de Karl Jaspers assenta

¹ Para uma abordagem mais detalhada sobre a sistematização jasperiana dos seus estudos a este respeito, leia-se Carvalho Teixeira (1993): *Psicopatologia Geral* é a obra de Karl Jaspers em que «(...) a psicopatologia se ocupa das modalidades como os pacientes experimentam os fenómenos psicopatológicos, uma fenomenologia dos seus estados de consciência» (Carvalho Teixeira, 1993, p. 624).

² La philosophie n'est rien d'autre que la pensée interrogative, c'est-à-dire la mise en question de l'homme par l'homme. Tandis que les sciences ne valent que par les solutions qu'elles apportent à des problèmes précis et déterminés, le philosophe est celui qui recule indéfiniment la solution, laisse toujours ouverte la recherche et repose inlassablement la question du Sphinx: «Qu'est-ce que l'homme?» (Lacroix, 1968, p. 1). «Que é o homem?» ou «*Quem é o homem?*». No coração da Filosofia está sempre o Homem porque no coração do homem está sempre a Filosofia: no fundo, não há *Filosofia* sem *Filosofia da Existência* nem *Filosofia da Existência* sem *Antropologia Filosófica*.

³ O idealismo, o materialismo, o positivismo, o neo-positivismo e o estruturalismo.

⁴ Não no sentido de uma analítica abstracta, mas no sentido daquele(s) que se debruça(m) sobre a Existência, consciente(s) de que ainda não se é aquilo que se pode saber como filósofo(s), porque só se poderá considerar filósofo aquele que pensar à luz das experiências mais pessoais. Para uma abordagem mais detalhada a este respeito sugere-se, por exemplo, Dufrenne e Ricœur (1947).

em três conceitos fundamentais: *Dasein*, Existência (*Existenz*) e Transcendência (*Transzendenz*). No plano formal, e segundo Jean Wahl (1962), eles distinguem-se respectivamente como ser-objecto, ser-sujeito e ser-em-si. No plano da realidade, e apesar de profundamente entrelaçadas entre si, diferenciam-se pelo modo próprio como existem.

Dasein, Existência e Transcendência caracterizam-se por uma unidade fundamental que advém da *luta* que as distingue e as impele na direcção umas das outras. Coexistem em cada um de nós e constituem aquilo que somos. Apesar disso, nenhum conhecimento e/ou sentimento claro e evidente podemos ter delas. Através da experiência, está-nos vedado qualquer tipo de conhecimento científico que possamos tentar obter a seu respeito; pela via do pensamento, estamos, à partida, limitados pela distância que nos separa da forma como realmente existem.

2.1. O *Dasein*

Enquanto realidade empírica, o *Dasein* corresponde ao ser-objecto e deve ser tomado como ponto de partida. É o ser empírico que pertence ao mundo e cuja realização é o ser-*do*-mundo⁵. Assim, o mundo é o *Dasein* e o *Dasein* é o ser determinado dos objectos. Absolutamente temporal e finito, diz respeito ao que é *objectivo*. Contudo, como é sempre particular e determinado (à semelhança do mundo e dos objectos), o *Dasein* é somente uma parte da realidade das coisas. E se não pode ser senão uma parte da realidade das coisas, então também nunca pode ser completamente particular e determinado. De acordo com a Filosofia Existencial de Jaspers, o

Dasein diz respeito ao homem, aos objectos, ao mundo, considerados na perspectiva da objectividade. O *Dasein* é o mundo como ser-aí (ou presença), é o homem na sua vida vulgar.

Enquanto *Dasein*, o sujeito está ao nível da vida e só pelo conjunto da vida consegue explicar a si próprio que vive e morre porque está ligado a um corpo. Ou seja, existe unidade mas não existe identidade entre o *eu* e o seu corpo, sob pena de não haver *eu* ou de reduzir o *Dasein* a um fenómeno da natureza (Jolivet, 1975). O sujeito une-se ao seu corpo, mas também se distingue dele sem dele se separar. Portanto, não somos o nosso corpo; somos vida⁶. Por outro lado, também não podemos ser apenas vida porque nesse caso estaríamos de novo a reduzirmo-nos a um fenómeno da natureza. Devemos então concluir, segundo Karl Jaspers, que nem ao nível do *Dasein* o homem é apenas vida. Há nele *algo* que, enquanto *Dasein*, o impele para além desse mesmo *Dasein*.

À luz da *Existenzphilosophie*, o *Dasein* é o que se opõe à Existência e à liberdade. É *o que está-aí*. A presença no mundo, a realidade fornecida pela experiência ou o acontecimento sobre o qual a liberdade se enraíza. O *aí* é a situação. Está-se ao nível do conhecível. Objecto do saber científico, tanto o conhecível como o conhecer dizem respeito ao que o entendimento (*Verstand*) pode desbravar e discernir. Dizem respeito aos conhecimentos fixos e universais dos objectos que estão-aí. Apesar disso, ou por isso, «Welt als das Gewußte ist das Fremde. Ich

⁵ Adverte-se para o facto de o termo *Dasein* (como alguns outros) poderem assumir diferentes acepções, consoante os autores. No seio da analítica existencial (ontológica) de Heidegger, por exemplo, o *Dasein*, cuja determinação fundamental é o estar-*no*-mundo ou o ser-*no*-mundo, refere-se ao próprio ser do sujeito existente. Ontologicamente, o *Dasein* é um sujeito com as características do *eu* absoluto ou fundamental. Somos nós enquanto existentes (Heidegger, 1984). A este respeito, leia-se também, por exemplo, Pereira (1994).

⁶ Pelo contrário, em *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty, por exemplo, o nosso corpo é sempre «*corpo próprio*»: uma unidade indissociável entre corpo e consciência, o sinónimo vivido da existência pessoal do sujeito. Não é «um corpo» nem «o corpo»; é alguém. Dizer «eu tenho um corpo» equivaleria a reduzir parte dessa existência pessoal a «uma coisa» ou a «um objecto» que, entre as outras coisas e os outros objectos que, estando em redor do indivíduo, ele pode conhecer à distância, segundo Merleau-Ponty. A consciência segue o movimento geral da existência e flecte com ela porque o nosso corpo, corpo próprio, está no mundo como o coração no organismo (Merleau-Ponty, 1945). «Je suis donc mon corps» (p. 231).

stehe zu ihr in *Distanz*»⁷ (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 3). No mundo, só se pode conhecer o ser-*do*-mundo. Por conseguinte, o *Dasein* constitui o âmbito daquilo que Jaspers definiu como orientação *do* mundo (*Weltorientierung*).

Face ao supra-referido, a *Weltorientierung* é um processo que se torna infinito por si mesmo uma vez que, no *Dasein*, a existência possível está no mundo e é no mundo que ela se manifesta. «Statt zu erkennen, was das Sein ist, aus dem alles wird, beschränkt sich in dieser Erfahrung meine objektive Erkenntnis auf das Seiend, das mir in meiner Situation vorkommt. Die Dinge in der Welt, in der ich mich orientiere, sind zu kennen und, soweit es gelingt, zu beherrschen. Weltorientierung erweist sich mir als die endlos fortschreitende Situationserhellung in der Richtung auf das Sein als Objektsein»⁸ (Jaspers, 1956, vol. 1, p. 3). Cercado pelos objectos presentes, resta ao sujeito tentar encontrar «uma saída» (Antunes, 1973) que esteja para além do próprio *Dasein* e lhe permita superar este nível fundamental, mas limitado, da Existência.

Como se pode ler em *Philosophie*: «Die Welt ist mir nicht nur Gegenstand des Wissens, den ich mir gleichgültig bleiben lassen darf, sondern in ihr ist das mir eigene Sein, in dem ich erschüttert bin»⁹ (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 205). É

⁷ O mundo, *como ser conhecido*, é o desconhecido. Encaro-o com *distância* (Tradução da Autora. Seguiu-se o critério de anexar a este artigo a tradução do texto alemão). Até que ponto é, de facto, possível alimentar uma «teoria dos conhecimentos fixos e universais»? Segundo Husserl, «les choses 'vues' sont toujours-déjà 'plus' que ce que nous voyons d'elles 'réellement et à proprement parler'. Voir, percevoir, c'est par essence 'avoir la chose même' comme un seul et même acte avec 'pré-avoir' la chose, l'avoir-en-vue, l'anticiper» (1976, p. 59).

⁸ Em vez de reconhecer o que é o ser do qual tudo é criado, a minha percepção objectiva limita-se, nesta situação, ao ser que existe na minha situação. As coisas do *mundo* em que me oriento são para serem conhecidas e, tanto quanto possível, dominadas. A orientação do mundo apresenta-se-me como o esclarecimento infinitamente contínuo da situação, no sentido do ser como existência do objecto (T.A.).

⁹ O mundo é, para mim, não só o objecto do conhecimento a que fico indiferente, mas também o mundo onde está o meu próprio Ser, aquele onde sou sacudido (T.A.).

no seio do mundo que se desperta para *Tudo*¹⁰ o que ultrapassa o mundo. É no *Dasein* que o homem é *sacudido* para e por o que não é o *Dasein*.

Na obra de Karl Jaspers não há Existência sem *Dasein*, mas o *Dasein* não é a Existência. É este o verdadeiro valor ou o significado existencial da tensão perpétua que os implica mutuamente sem que possam unir-se ou separar-se. «Existenz ist in der Zeit mehr als Zeit»¹¹ (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 2). É, no mundo, mais do que o mundo. É, na história, mais do que a história. Aquilo que cada sujeito pode ser mas não o é, enquanto manifestação empírica do *Dasein*, só o será enquanto Existência. Por outras palavras, só o poderá ser na medida em que deixar de ser objecto para si. E isto significa não só a possibilidade de se transcender enquanto *Dasein*, mas também a possibilidade de superar o processo infinito da orientação do mundo: a superação que abre caminho ao *esclarecimento da Existência* (*Existenzerhellung*).

2.2. A Existência

Se se permanecer no *Dasein*, a existência ficará limitada à realização da presença (estar-*af*) enquanto *existência do mundo*¹² e àquilo que dessa presença se pode conhecer. Equivalerá a um estar-*af* opaco cuja realização consiste simplesmente em figurar como parte do mundo e cuja característica é essa mesma opacidade que lhe advém da ausência de poder reflexivo. O *Dasein* está no mundo mas não se reflecte a si próprio enquanto presença no mundo. Falta-lhe o que lhe permite estabelecer um horizonte de significação com o mundo e reconhecer-se ou re-ver-se interiormente na qualidade de *outro* em relação ao próprio mundo: a consciência.

Segundo Jaspers, é no plano da *consciência em geral* que, através do *esclarecimento da Existência* (*Existenzerhellung*), se supera o

¹⁰ A Existência e a Transcendência.

¹¹ A Existência é, no tempo, mais do que o tempo (T.A.).

¹² «Die Erfüllung des Daseins ist Weltsein» (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 2). A realização do *Dasein* é a *existência no mundo* (T.A.).

Dasein e a *Weltorientierung*. A Existência só se pode esclarecer. A realidade deixa de ser o mundo para ser a própria realidade do existir ou o próprio existir enquanto tal, uma vez que do ponto de vista formal, como adverte Jean Wahl (1962), a Existência equivale ao ser-sujeito, ou seja, ao homem na sua vida pessoal e autêntica.

A vida pessoal e autêntica, bem como a consciência em geral, não devem, contudo, confundir-se com o sujeito psicológico. No entender deste filósofo alemão, a Existência é uma realidade *inobjectiva*, como refere Júlio Fragata (1991). Oscila entre a subjectividade e a objectividade e manifesta-se como *Dasein*. O sujeito vive nela e é dela que tira todas as suas possibilidades, mesmo sem poder apreendê-la ou ver o seu próprio *eu*. Apesar da independência que lhe garante, o sujeito está limitado à possibilidade de a esclarecer.

A importância de não confundir nem fazer equivaler a *inobjectividade* da Existência com a objectividade do *Dasein* e do mundo, reflecte-se no modo como Jaspers fundamenta a *Existenzerhellung*. O que significa esclarecer?

Esclarecer corresponde, para Karl Jaspers, ao acto de manifestar, aclarar (tirar da penumbra para tornar límpido), revelar: viver autenticamente a Existência. Escolhê-la, encará-la e percorrer o seu sentido.

Como já foi referido, é ao nível do *Dasein* que a noção de experiência corresponde ao registo perceptivo-sensorial a que se atribui, de um modo geral, a base do conhecimento científico justificando, por conseguinte, que experimentar seja *experimental para conhecer*. Não se problematiza a existência do mundo nem se questiona o grau de veracidade do real. Pelo contrário, é na consistência do mundo que as ciências se alimentam e a existência humana se enraíza.

Ao nível da Existência, o seu esclarecimento também pode equivaler a experimentar se não se situar a Existência no plano psicológico, nem se estabelecer propriamente uma correspondência entre experiência e afectos. Neste plano, não se experimenta para conhecer nem para sentir. Jaspers não está sequer a analisar a génese da consciência. A «experiência» que o sujeito pode alcançar situa-se, tal como a própria Existência, num plano muito mais *puro* e muito mais *interior*: o da *Razão* (*Vernunft*).

Ao nível da Existência (superado o *Dasein*), o

sujeito já não se identifica como mundo, mas como Razão. No seio da *Existenzphilosophie*, a «experiência» autêntica possível é aquela que *aclara* a Existência e o seu sentido. Aquela que permite a manifestação ou a revelação do que *já lá está*, mesmo que não esteja visível.

Por sua vez, a Razão é, para Jaspers, fundamentalmente duas coisas: por um lado, e tal como para Descartes, uma *exigência formal* de método, objectividade e rigor; por outro, como no pensamento kantiano, uma faculdade cuja actividade tem uma *função reguladora*¹³. O significado mais profundo que Karl Jaspers atribui ao esclarecimento da Existência surge da articulação destes dois aspectos. Sem essa luz própria da Razão, a Existência não teria o brilho humano que a caracteriza. A Razão confere-lhe as condições e/ou a capacidade que lhe faltava (ao nível do *Dasein*) de significação e reflexividade do seu *dentro*, do seu conteúdo especificamente humano. A Existência, por sua vez, dá sentido, profundidade e futuro, dá humanidade à Razão. Em conjunto, constituem e alimentam o horizonte de possibilidades e significação que garante um *con-texto* a cada indivíduo enquanto projecto existencial concreto.

Para Karl Jaspers, não há Razão sem Existência nem Existência sem Razão. Manuel Antunes escreve, a este respeito, que «a Razão postula a Existência como seu fundamento vital, seu espaço de possibilidades, seu *Dasein* concreto e individuante, (...), seu sentido da Transcendência. A Existência, por sua vez, exige a

¹³ Por oposição à função *constitutiva* da sensibilidade e do entendimento. Recorde-se que, segundo Kant (1985, p. 300): «se o entendimento pode ser definido como a faculdade de unificar os fenómenos mediante regras, a razão é a faculdade de unificar as regras do entendimento mediante princípios. Nunca se dirige, portanto, imediatamente à experiência, nem a nenhum objecto, mas tão-só ao entendimento, para conferir ao diverso dos conhecimentos desta faculdade uma unidade *a priori*, graças a conceitos; unidade que pode chamar-se unidade de razão e é de espécie totalmente diferente da que pode ser realizada pelo entendimento». Para uma informação crítica mais detalhada a respeito das acepções que a noção de «faculdade» pode assumir na obra kantiana, sugere-se, por exemplo, Deleuze (1983).

Razão como sua necessidade de esclarecimento (*Existenzerhellung*), seu modo de comunicação, seu método de leitura das “cifras originárias”, seu instrumento de quebra dos saberes constituídos (*Durchbruch*) e sua realização (*Verbindlichkeit*) em um novo Englobante» (1973, pp. 148-149). Há uma unidade fundamental entre Existência e Razão, no seio da qual se funda uma reciprocidade em que o racional e o irracional se postulam, e se mantêm ao mesmo tempo irreduzíveis. Desta forma, também só podem ser pensados por referência um ao outro. Em *A Situação Espiritual do Nosso Tempo* (Jaspers, 1968), por exemplo, o filósofo alemão reflecte precisamente o resultado ineficaz das várias e sucessivas tentativas de os reduzir e/ou absorver um no outro. Em seu entender, foram essas tentativas que estiveram e continuam a estar na origem da situação espiritual do nosso tempo¹⁴.

A via da autenticidade existencial postulada por Jaspers não pode ser, por consequência, a via do *cogito*, mas a via da *reflexão* (re-flexão)¹⁵. Superado o nível do *conhecer* e do mundo objectivo, trata-se agora de *esclarecer* o sentido da Existência.

Como a autenticidade existencial é metafísica, só a via da reflexão permitirá que o sujeito regressasse a si e se debruce sobre si transformando-se numa interrogação para si mesmo. *Inquieta-se*¹⁶. Mas a reflexão permite-lhe também que,

nessa relação *de-si-para-si*, se distinga do que é e decida o que é. Permite-lhe conquistar a sua *autonomia* mesmo que, apesar disso, não se basta a si mesmo, uma vez que nem mesmo a reflexão lhe permite vencer a característica do *possível* espalhada por toda a Existência.

Como escreve Jaspers em *Philosophie*: «Nicht mein Dasein also ist Existenz, sondern *der Mensch ist im Dasein mögliche Existenz*» (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 2)¹⁷. A Existência não está ancorada, uma vez que é sempre a *Existência possível*. Ela será a Existência que se escolher. Por isso, e ao contrário do *Dasein*, para ela não há morte. A Existência é, seguindo as palavras de Jean Paumen em *Raison et Existence chez Karl Jaspers*, «a existência que eu sou, a fonte indeterminável de possibilidades, à qual não me identifico senão na tensão da incerteza e do risco, o movimento singular de escolha e de conquista, que só me é possível esclarecer à luz difusa de categorias alusivas, o *élan* originário cuja incondicionalidade experimento na liberdade, na comunicação e na historicidade; é também o cuidado peculiar da intimidade secreta, da inefabilidade qualitativa, (...)» (cit. in Antunes, 1973, p. 148).

Esta inefabilidade, característica originária da Existência, é da ordem da qualidade e não da quantidade. Traduz a presença do indizível no dizível, do invisível no visível¹⁸. Em relação a este seu modo de ser, há apenas *ascensão* ou *queda*, consoante se aproxima do seu ser próprio ou regressa ao nada. Tanto a *ascensão* como a *queda* surgem pela mão do sujeito pessoal livre e são fruto da sua *escolha* e *decisão*.

2.2.1. A inquietação existencial e as situações-limite

Apesar das diferenças que estiveram na ori-

¹⁴ «(...) Encontra-se o homem, hoje, desenraizado, certo apenas da sua inserção num fluxo historicamente determinado da humanidade» (Jaspers, 1968, p. 10). Para uma perspectiva mais abrangente, sugere-se, por exemplo, Trotignon (1985).

¹⁵ «Le sujet du cogito, c'est le sujet épistémologique», como refere Gabriel Marcel (1968, p. 215). «Caractériser, c'est une certaine façon de posséder, de prétendre posséder l'impossédable; c'est constituer une petite effigie abstraite, (...). (...) Plus nous nous élevons vers la réalité, plus nous accédons à elle – plus elle cesse d'être assimilable à un objet posé devant nous sur lequel nous prenons des repères, (...)» (p. 213). E, como muito bem adverte Serban Ionescu (1991, p. 132), «(...) Toute théorie non fondée sur la nature de l'être humain est un mensonge et une trahison de l'homme».

¹⁶ «A inquietação é o verdadeiro comportamento para com a vida, para com a nossa realidade pessoal (...)» (Kierkegaard, 1979, p. 22).

¹⁷ Não é o meu *Dasein* que é, portanto, a Existência; o *Homem* é que é, *no Dasein*, a Existência possível (T.A.).

¹⁸ Este é um aspecto fundamental que, apesar de ser fundamentado de formas distintas, atravessa as várias Filosofias da Existência, a Fenomenologia, a Fenomenologia da Percepção e a própria Hermenêutica, em particular a de Paul Ricœur.

gem do tronco de natureza triádica¹⁹ em que se classificam, de um modo geral, as diferentes Filosofias da Existência, todas elas estão profundamente ligadas entre si pelo pressuposto teórico que partilham²⁰.

No que diz respeito a Karl Jaspers, as coordenadas existenciais através das quais pensou o existir humano são a confirmação inequívoca desse pressuposto: a Existência é *no mundo*; a Existência jorra *do seio* da sua liberdade; a Existência é *com* o outro. A tematização destes pressupostos conduziu este defensor da *Existenzphilosophie* à fundamentação de dois dos seus conceitos mais peculiares e característicos, a saber, o de *inquietação existencial* e o de *situações-limite*.

O primeiro destes dois enraíza-se no desejo constante do sujeito ser ele mesmo e de se compreender na intimidade do ser. Na qualidade de *desejo existencial* que é, corresponde ou traduz simplesmente a insatisfação estrutural do *Dasein*, limitado à sua facticidade. Por sua vez, esta insatisfação é uma *luta* que afirma e nega, que oprime e liberta, ao mesmo tempo. No coração da Existência, ela nasce da *luta contra* o ser-*do-mundo* e da *luta pelo* Mundo a que aspira dentro do seu próprio *fracasso* (*Scheitern*). Ou seja, por um lado, a Existência instala o sujeito em situações concretas e contingentes timbradas pela presença contínua dos seus limites e da sua impotência face a elas. Simultaneamente, e por outro lado, também o ensina a tecer ou a ler os caminhos e os *sinais* que podem conduzir o existente à *Verdade da Existência* e, por fim, à *Verdade da Transcendência* onde todas as possibilidades são possíveis.

O segundo é, por diferentes razões, um dos conceitos mais característicos e importantes da filosofia existencial de Karl Jaspers. É importante pela sua novidade, mas também pelo conjunto quase ilimitado de ramificações que a sua tematização consente e, acima de tudo, por ser o conceito que permite aclarar ou esclarecer o Todo da Existência.

Quase todos os aspectos e quase todos os mo-

mentos da vida do sujeito evidenciam o carácter inefável da Existência, que é o fruto mais explícito e inequívoco da co-existência do homem e da Transcendência. Essa evidência, essa inefabilidade e essa co-existência estão presentes ao homem através dos *índices* ou marcas da Existência, através das *cifras* ou sinais da Transcendência e através das *situações-limite*.

A compreensão deste último conceito é ajudada e enriquecida com a distinção que Jaspers estabelece entre os conceitos de *situação* e de *situações-limite*, apesar do seu entrelaçamento e da sua complementaridade. É importante começar por advertir que, para Karl Jaspers, a situação não se refere aos factos (cujo valor reside precisamente na sua opacidade e no seu acabamento); nem à rede de determinações objectivas que agem sobre o indivíduo (e que é o modo como a ciência costuma tratar a situação – a *Situation*); mas também não se refere ao modo como as outras filosofias habitualmente a tratam (o *Umwelt*).

Ao nível da Existência, a presença (o *Dasein*) é um existir em situação. Não é o estar-aí, mas o *ser-aí* do sujeito que transforma um facto ou um acontecimento em situação dando-lhe conteúdo e significação, inserindo-a num horizonte de historicidade. A situação não vale pelo seu fora, mas pelo seu *dentro*. O valor existencial da situação não reside naquilo que lhe é exterior, como os factos e os acontecimentos que a envolvem, por exemplo, mas naquilo que a faz existir como situação: o sujeito, o *eu*. E *o sujeito ou o eu está sempre em situação*, «Weil Dasein ein Sein in Situationen ist, so kann ich niemals aus der Situation heraus, ohne *in eine andere einzutreten*. Alles Situationsbegreifen bedeutet, daß ich mich Ansätze schaffe, Situationen zu verwandeln, nicht aber, daß ich das In-Situation-Sein überhaupt aufheben kann. Mein Handeln tritt mir in seinen Folgen *wieder als eine von mir mit hervorgebrachte* Situationen entgegen, die nun gegeben ist»²¹ (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 203).

¹⁹ Um tronco cujos ramos representam, respectivamente, um existencialismo teísta, místico e ateu, (Campbell, 1969).

²⁰ A existência precede a essência (Wahl, 1962; Heidegger, 1984; Sartre & Ferreira, 1978, por exemplo).

²¹ Porque, como o *Dasein* é um ser em situações, nunca poderei sair da situação sem *entrar numa outra*. Toda a percepção de situações significa que crio pontos de partida para modificar situações, não podendo, no entanto, anular o ser-em-situação. O meu procedimento surge-me, nas suas consequências, *de novo como uma situação criada por mim*, que agora acontece (T.A.).

«(...) De tal maneira que eu não posso nem sobrevoá-la nem perscrutá-la do exterior; a situação é sem exterior, tem apenas um interior» como escreve Gabriel Marcel em *Du Refus à l'Invocation* (cit. in Antunes, 1973, p. 149).

O modo como afecta cada homem, individual e insubstituivelmente, transforma-a na sua substância. Para cada um, ela não é uma situação. É a *sua* situação. E embora seja mutável, em função dos vários factores que actuam sobre o sujeito levando-o a mudar de uma situação para outra, ela permanece em si mesma inobjectivável. É, portanto, inesgotável para a Razão.

O que falta então à situação para que ela seja uma situação-limite? *Um salto*. Um salto qualitativo. «Stufen des Sprunges der in den Grenzsituationen werdenden Existenz – Obgleich ich in der Welt bin, vermag ich mich *allem gegenüberzustellen*» (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 204)²². Através deste salto qualitativo que permite agora, ao sujeito, tudo confrontar, até a si mesmo na medida em que «Ich bin als ich selbst wie außerhalb meines daseienden Lebens und Trete von da herzu in die Welt, mich in ihr zu orientieren nicht mehr als nur Lebender für mein Wissen Zwecke in meinen Situationen, sondern als ich selbst für mein Wissen von allem und vom Ganzen, das als Wissen sich genug ist» (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 204)²³. São os primeiros passos autênticos no caminho da realização do sentido mais profundo da liberdade existencial do indivíduo. Superado (mas não negado) o *Dasein*, o sujeito conquista através deste salto, e pela via da reflexão, o seu próprio *poder*. Escolhe-se a si mesmo como liberdade. Conquista o poder de se ver a si mesmo projectado na existência, o poder da distância especular através da qual a Existência ganha conteúdo, profundidade, tempo e historicidade. «(...) Habe ich die möglichkeit, in der Welt

doch zugleich außerhalb der Welt sein zu können, wenn ich zwar nicht als Dasein, aber in denkender Betrachtung an den archimedischen Punkte dringe, von dem aus ich sehe und weiß, was ist. In einer erstaunlichen, wenn auch leeren Unabhängigkeit setze ich mich selbst auch *meinem eigenen Dasein wie einem fremden gegenüber*» (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 204)²⁴. E mesmo que não se tenha ainda dado conta disso, o sujeito escolheu-se como liberdade. Decidiu-se pela sua própria independência. Transformou o ser-*do*-mundo (próprio do *Dasein*) em ser-*no*-mundo (próprio da Existência autêntica).

À luz da *Existenzerhellung*, a situação é sempre, *virtualmente*, uma situação-limite. No fundo, distingue-as apenas uma questão de natureza. Como refere Manuel Antunes, «uma situação-limite é, mesmo sem paradoxo, o limite de uma situação. É o *limite em geral* que atravessa o meu mundo e todas as suas situações, os seus contextos, as suas condições. A minha situação como ser-no-mundo é, ela própria, uma *situação-limite* – a situação-limite *fundamental* –, a minha *determinação (Bestimmtheit)* – desde que eu a consciencialize na sua vaidade, na sua impossibilidade de todo o pensamento e de toda a acção, no seu *naufrágio (Scheitern)*» (1973, p. 150).

Um dos aspectos relevantes da Filosofia da Existência de Jaspers, assenta no facto de esta situação-limite fundamental desvendar todas as outras. É nela que se enraizam as outras situações-limite que afectam a Existência do sujeito: a luta, a culpabilidade, a morte e o sofrimento.

São situações fundamentais às quais ninguém se pode evadir nem furtar sob pena de mentir a si próprio. Em *Philosophie*, Jaspers refere-se a elas e descreve-as do seguinte modo: «Situationen wie die, daß ich immer in Situationen bin, daß ich nicht ohne Kampf und ohne Leid leben kann,

²² Degraus do salto da Existência que se converte nas situações-limite – e que, apesar de eu estar no mundo, consigo *confrontar tudo* (T.A.).

²³ Sou eu próprio, como se estivesse fora da minha vida existente e entro no mundo para me orientar nele. Já não apenas como ser vivo que tem como objectivo o meu conhecimento nas minhas situações, mas como eu próprio, para o meu conhecimento de tudo e do Todo que, como conhecimento não basta (T.A.).

²⁴ (...) Tenho a possibilidade de estar no mundo e simultaneamente fora dele quando, ainda que não como *Dasein*, penetro em reflexão sobre o ponto arquimédico a partir do qual vejo e sei o que é. Numa independência surpreendente, ainda que vazia, *confronto o meu próprio Dasein como algo de estranho* (T.A.).

daß ich unvermeidlich Schuld auf mich nehme, daß ich sterben muß, nenne ich Grenzsituationen. Sie *wandeln sich nicht*, sondern nur in ihrer Erscheinung; sie sind, auf unser Dasein bezogen, endgültig. Sie sind *nicht über schaubar*; in unserem Dasein sehen wir hinter ihnen nichts anderes mehr. Sie sind wie eine Wand, an die wir Troßen, an der wie scheitern. Sie sind durch uns nicht zu verändern, sondern nur zur Klarheit zu bringen, ohne sie aus einem Anderen erklären und ableiten zu können. Sie sind mit dem Dasein selbst»²⁵ (1956, vol. 2, p. 203).

Luta, culpa, dor ou sofrimento e sentimento de morte. São originadas na própria liberdade que, por ser (na Existência) tendência para o absoluto e para o incondicionado, acaba por querer o impossível. Como evidencia Jolivet (1975), no pensamento jasperiano quanto mais a liberdade avança no sentido das suas limitações estruturais, mais procura saltar para além do finito, dando origem ao seu fracasso e tornando a culpa necessária. Como a liberdade é luta e conflito, a culpa é inevitável. O homem pode tentar suprimi-la, mas não pode escapar a ela. Negar esta culpa equivaleria a assumir uma outra, tão ou mais dolorosa e difícil, tão ou mais aniquiladora do próprio sujeito: a da negação da própria liberdade²⁶. A culpabilidade é inerente à própria liberdade e à própria Existência.

Embora as situações-limite sejam, por outro

lado, *marcas* profundas e autênticas da presença da Transcendência na imanência, a Existência vive-se, perante elas, no seu próprio limite. Face a este limite, o desespero e a angústia invadem-nos com frequência²⁷. Nada *ver por detrás* delas não significa que nada existe *para além* delas. Jaspers compara-as a um muro contra o qual se embate, porque é da queda que o homem se pode erguer de novo. Encarar as situações-limite, sem fugir e sem as negar, é o único modo que ele tem de poder decifrar ou *ver* o que está para além delas. Porque elas *estão-lá*, sem que sejam previsíveis nem superáveis, sem que se possam deduzir de alguma outra coisa, ser explicadas ou modificadas. Não é possível estruturar uma teoria geral das situações-limite. E é precisamente nisso que reside a sua grandeza. Assumir livremente a sua ruína é a única forma de o homem *descobrir que essa ruína não é o fim, mas um novo princípio e um novo começo*.

O desespero e a angústia não surgem apenas da possibilidade de vivermos uma determinada situação como limite dessa mesma situação. Surgem também da nossa liberdade de decisão. *Escolher*. Não poder deixar de escolher. Mas escolher autenticamente. Realizar esta liberdade que torna o sujeito responsável pela sua Existência e pelo seu futuro consoante se escolha a si mesmo como liberdade ou como *Dasein*. «(...) Die Selbstvergessenheit in dieser Täuschenden Flucht aus der Situation ist nicht vollendbar. Wohl könnte ich mich eine Weile treiben lassen, verfangen in der Bindung an das gewußte Objektive, das auch ohne mich ist und geschieht. Aber wird dann dieses Objektive mir fragwürdig, so stehe ich aus einem Bewußtsein der Verlorenheit immer wieder vor mir selbst in der

²⁵ Chamo situações-limite àquelas em que me encontro sempre que não posso viver sem luta nem dor, em que inevitavelmente assumo a culpa e em que tenho de morrer. *Não se transformam*, ou transformam-se apenas na sua aparência, sendo, em relação ao *Dasein*, definitivas. *Não são previsíveis*; enquanto *Dasein* nada mais vemos por detrás delas. São como uma parede que enfrentamos e na qual fracassamos. Não podem ser por nós alteradas, chegando-se apenas à clareza sem a qual não explicamos nem deduzimos outra coisa. Elas são com o próprio *Dasein* (T.A.).

²⁶ Sartre também se referiu à postura daqueles que negam a sua liberdade radical: a *má fé*. Aquele que escolhe viver como se assim não fosse (o «nojento», em linguagem sartreana) vive na instabilidade pastosa e coalhada do viscoso que se assemelha a um líquido entrevisto em pesadelo. Para Sartre, a «viscosidade» é precisamente um dos símbolos do homem que renuncia à liberdade e, por renunciar a ela, se instala na má fé e se *transmuta* em «coisa» (Sartre, 1938).

²⁷ E «quoi qu'on puisse dire et penser sur la souffrance, elle échappe au savoir dans la mesure où elle est soufferte en elle-même, pour elle-même et où le savoir reste impuissant à la transformer». «Ainsi nos déchirements, les contradictions qui font notre malheur sont des moments qui se posent pour être dépassés, nous ne sommes pas seulement *savants*: dans le triomphe de la conscience de soi intellectuelle, il apparaît que nous sommes *sus*» (Sartre, 1986, pp. 15 e 14).

Situation, in der ich mit ihr mich wandle»²⁸ (Jaspers, 1956, vol. 1, p. 2).

O valor existencial das situações-limite é o de acordarem e desentorpecerem o indivíduo, situando caminhos possíveis a diferentes possibilidades de uma escolha pessoal. O limite, apesar de ser vivido pelo sujeito como *eminente*, cumpre a sua função mais autêntica na medida em que essa eminência mais não é, para Karl Jaspers, do que a marca ou o indício claro da presença da Transcendência no coração da Existência. Razão pela qual as situações-limite desempenham ainda o papel decisivo de *intermediárias*, por excelência, entre a Existência e a Transcendência. Jaspers reconheceu-lhes o duplo papel de *índices da Existência* e *cifras da Transcendência*.

Da Existência, só podemos ter índices – a liberdade, a comunicação e a historicidade – que são, pela sua clareza, «indicadores irreversíveis» (Jolivet, 1975). Em relação à Transcendência, só podemos ter as cifras – objectivas ou subjectivas – que encontramos, lemos e deciframos, a partir da inefabilidade da própria Existência. Este duplo papel faz das situações-limite portadoras autênticas de uma dupla evidência: por um lado, a evidência da Existência; por outro, essa inefabilidade pela qual anuncia a Transcendência.

2.2.2. Os índices da Existência

a) A liberdade

Karl Jaspers afasta-se claramente da psicologia clássica quando fundamenta o problema da liberdade. Em seu entender, havia que rejeitar várias das explicações vigentes respeitantes aos motivos da escolha voluntária e livre. Começou por abdicar do princípio segundo o qual a liberdade podia ser vista, em relação à vontade do

Dasein, ou como um antecedente ou como um consequente. Pelo contrário, para este filósofo alemão, a liberdade é a expressão da vontade do *Dasein* e consiste em *querer-se a si mesma*. Não podem ou não devem ser os motivos a explicar a escolha, deve ser a escolha que explica os motivos. A escolha não é sequer um motivo, mas a decisão pela qual o sujeito pessoal escolhe o próprio motivo. O *querer* do sujeito é que é a razão da sua escolha e o que faz com que a *liberdade existencial seja sempre uma opção*. Contudo, e porque tem origem no sujeito, o problema da liberdade existencial é, de novo, o da sua *possibilidade*. Ou ela é a vontade original do sujeito pessoal que quer que ela exista, ou ela, em si mesma, não é nada.

A defesa da liberdade e o apelo à *vontade*, mais do que à razão, é uma constante na obra de Karl Jaspers. Vive-se uma quase luta de morte entre o pensamento e a Existência: a luta constitutiva da própria Existência. O pressuposto teórico das Filosofias da Existência, subjacente à obra jasperiana, transparece de novo com clareza²⁹. Tal como a Existência, a liberdade não é uma ideia. Nascem ambas desta luta inerente à própria Existência. Quanto mais o indivíduo é, menos pensa; e quanto mais pensa, menos é (Jaspers, 1956, vol. 2). Não se trata de pensar a Existência, mas de vivê-la. Ou trata-se de pensá-la, vivendo-a.

É quase um paradoxo, mas constitui a substância do pensamento existencial. Se não se pode conceber a Existência, já que pensá-la significaria aboli-la, também não se pode eliminá-la nem eliminar o seu pensamento porque o sujeito que a pensa existe, embora não exista *porque* a pensa. Resta-lhe a *acção*. A acção que é sempre um espelho renovado daquilo que ele é. O espelho que lhe mostra em que medida o *eu* vale pelo que faz, mas não é aquilo que faz. Pode sempre

²⁸ (...) O esquecimento próprio, nesta fuga ilusória da situação, é interminável. Bem posso deixar-me levar durante instantes, preso na ligação ao ser objectivo e conhecido que sem mim também existe e ocorre. Mas quando esse ser objectivo se me torna equívoco, então, da consciência da perdição volto sempre a encontrar-me na situação em que me transformo (com essa mesma consciência) (T.A.).

²⁹ Jaspers legitima o texto de Jean Lacroix a respeito das Filosofias da Existência: «La philosophie ne se contente plus de se mouvoir dans les concepts; elle est descendue parmi les hommes. Au lieu de partir toujours des idées, elle est réflexion sur les événements, intérieurs ou extérieurs: elle est la transformation par l'esprit de l'événement en expérience» (1968, pp. 1-2).

contrapor-se às suas próprias acções que, depois de realizadas, são apenas uma das suas faces, à distância.

Como refere Campbell (1969), na Filosofia da Existência jasperiana o *cogito, ergo sum* («penso, logo sou») é rejeitado e substituído pelo *eligo, ergo sum* («escolho, logo sou»). Ao nível da Existência, a certeza possível não surge por via da Razão (limitada a dar-nos somente alguns prováveis), mas por via da liberdade (que nos dá o ser, através dos possíveis). Jaspers não se refere a uma certeza intelectual nem objectiva. A certeza possível diz respeito à própria liberdade, *vivida* num emaranhado de dúvidas e incertezas. Ela furta-se ao saber e espria-se, a seu modo, nas falhas que esse saber vai deixando. Desta forma, a Existência *pro-jecta-se*, na qualidade de algo que está sempre prestes a ser.

Na sua espontaneidade absoluta, o homem é a raiz da *escolha* por meio da qual toma consciência da sua liberdade original. É nesta escolha que o homem se reconhece no seu *eu*. A *liberdade existencial conquista-se na decisão* mas não deixa de ser um *dom*, no sentido em que é a vontade que se faz a si mesma. Para Jaspers, isso significa que ela é, por natureza, *antinómica*. Se, por um lado, significa independência, uma vez que exige ou *pré-supõe* a autonomia interior da consciência; ela não deixa de estar, por outro lado, limitada pelo mundo exterior. Como não se cria a si mesma como *Dasein*, sofre o destino de todo e qualquer *Dasein* – morrer. Além disso, também lhe está vedado o repouso na independência absoluta que é o domínio da Transcendência.

A independência possível da liberdade humana constrói-se enquanto expressão autêntica da realização histórica do *eu*. Ou seja, a liberdade existencial, tal como Jaspers a vê, está *no mundo* pelo seu conteúdo; e está *fora do mundo* pela Transcendência. Tentar prová-la equivaleria a inseri-la num encadeado de causas e efeitos que a esvaziariam por completo. Na sua origem estão sempre, e em simultâneo, o *salto incondicionado* da decisão e o *mistério* da escolha³⁰.

³⁰ E «aquilo que é misterioso mede-se por uma compreensibilidade». «Fala-se tanto em compreensibilidades; esta compreensão psicológica não é ciência;

A liberdade existencial envolve a *angústia* daquilo que não se conhece. «Ich bleibe zwischen Anfang und Ende in der Angst des Nichtseins, wenn ich nicht *selbst zu sein wage* dadurch, daß ich ergreife und entscheide. Denn zu mir erwachend mache ich die doppelte Erfahrung: in meiner Situation ist das Andere als das Fremde, das gegeben ist und ohne mich geschieht, so wirklich und widerstehend, wie ich selbst in meinem Wählen und Ergreifen wirklich und frei bin»³¹ (Jaspers, 1956, vol. 1, pp. 2-3). Embora *a decisão seja um abismo*³², o *sujeito não pode deixar de escolher* porque é a consciência dessa decisão que faz da liberdade uma escolha existencial.

Segundo Régis Jolivet (1975), liberdade, decisão e consciência são de tal modo inseparáveis, na obra de Karl Jaspers, que a decisão coincide com a personalidade. Chegam a ser a mesma coisa, sem que isso corresponda à defesa ou apologia de um *eu solipsista*. Pelo contrário, se pela decisão a escolha recai sobre o *eu*, pela escolha comunicativa a escolha do *eu* é sempre escolha de outrem.

Como *não há Existência sem liberdade*, e a Existência possível corresponde ao *possível vi-*

foge à prova, visto tratar-se de discussões não-empíricas de possibilidades psicológicas. E fala-se sempre na incompreensibilidade e, afinal, na incognoscibilidade; aliás, de modo tal, que parece estar nisso o essencial» (Jaspers, 1979, pp. 900 e 896). «(...) Sans ce mystère, le plus incompréhensible de tous, nous sommes incompréhensibles à nous-mêmes. Le nœud de notre condition prend ses replis et ses tours dans cet abîme. De sorte que l'homme est plus inconcevable sans ce mystère, que ce mystère n'est inconcevable à l'homme» (Pascal, 1963, p. 515).

³¹ Entre o princípio e o fim, fico no receio do não-ser quando *não ousa ser eu próprio*, entendendo e decidindo. Porque, ao despertar, tenho a dupla experiência: na minha situação, o estranho, como desconhecido que é dado e ocorre sem mim, é tão real e oposto como eu próprio na minha escolha e entendimento sou real e livre (T.A.).

³² Nietzsche também se referiu ao abismo: «O homem é uma corda estendida entre o animal e o Super-homem – uma corda sobre o abismo. É perigoso vencer o abismo – é perigoso ir por este caminho – é perigoso olhar para trás – é perigoso ter uma tontura e parar de repente! A grandeza do homem está em ele ser uma ponte e não uma meta» (1985, p. 15).

vido, aquele que o sujeito escolhe (na sua acção), então *existir é ir sendo* pela escolha, pela decisão e na paixão. E se a característica pela qual o homem se apreende é a do perpétuo inacabamento, então ele é sempre mais do que tudo aquilo que dele é conhecível. Ele é sempre o que por enquanto não é, mas está prestes a ser. É movimento, liberdade, temporalidade, tarefa, *pro-jecto*. Deve aventurar-se e correr riscos porque, como refere Jean Wahl (1962), a Existência é o mais alto valor que lhe é possível atingir.

Como salienta, por sua vez, Campbell, (1969), também não é sequer a vontade que *escolhe* entre o bem e o mal, nem é ela que *faz* com que haja um bem ou um mal. É a escolha, por si só, que engendra o bem e o mal. Cada escolha, fruto da unidade vivida por cada sujeito enquanto ser-*no*-mundo, é única no seu valor e no seu significado. *Não somos livres de não escolher*³³. *A própria Existência é uma opção*. Neste sentido, *tudo é para e por a liberdade* (Jaspers, 1956, vol. 2).

Enquanto expressão da vontade, a liberdade atinge-se pelo querer. Os riscos advêm da sua própria natureza, uma vez que está sempre dividida entre o arbitrário e o necessário, entre o determinado e o indeterminado, entre o *Dasein* e a Transcendência.

b) A comunicação

A comunicação também é um índice da Existência porque o sujeito, por si só, nunca é aquilo que é. Precisa sempre do *outro* para poder vir a ser aquilo que é. Razão pela qual a comunicação existencial integra a condição original do ser-*no*-mundo.

Segundo Karl Jaspers, a comunicação existencial começa por ser estimulada pela insatisfação que vai tendo origem nas relações sociais ob-

jectivas. A comunicação social e empírica que despersonaliza, massifica e favorece cada vez mais a diluição do indivíduo numa realidade alheia, é, por isso mesmo, o ponto de partida daquilo que o filósofo alemão designa como comunicação existencial ou autêntica: a comunicação que permite ultrapassar essa diluição através de um isolamento que valoriza o sujeito na sua independência, ao mesmo tempo que o mantém fiel a si mesmo e a *outrem*.

Este isolamento não tem, contudo, um sentido absoluto, nem pretende conduzir o sujeito ao seu próprio aniquilamento no mundo exterior. Na concepção jasperiana, acabou por perder o sentido que Kierkegaard lhe atribuíra³⁴, do mesmo modo que não se confunde nem identifica com uma postura solipsista. Jaspers não postula o estar-só-no-mundo, mas o *carácter único* de todo o sujeito enquanto ser-com-o-outro-no-mundo. Este carácter de único-em-si-mesmo, que faz parte da individualidade de cada um, torna cada *eu* solitário ao mesmo tempo que o mantém circunscrito pelo *Outro* (os *Dasein* e as outras Existências). Para Karl Jaspers, *ser solitário* diz respeito ao *silêncio*, não à solidão. E como esse silêncio é feito de autenticidade, é nele que reside a Verdade. Portanto, quanto mais autêntica for a Existência, mais silêncio e Verdade haverá.

Ser único também não equivale a afirmar, do sujeito, que ele é tudo ou é a totalidade, ou que se basta a si mesmo enquanto Existência. O homem está virado para o mundo (*Dasein*) e para o Outro (a Existência e a Transcendência), e é através da sua comunicação com eles que, por excelência, a liberdade se exercita.

Paralelamente, a autenticidade da comunicação não reside na partilha de uma verdade universal pré-estabelecida, nem no desempenho de um acto ou de um papel em que o sujeito é substituível por qualquer outro. Ela acontece

³³ Uma vez mais, seguindo como referência complementar a obra sartreana, a liberdade é simultaneamente um peso (a liberdade chega a ser pesada e custa a suportar. O sujeito é constrangido a ser livre, uma vez que, para o ser, se tem que escolher a si mesmo) e um valor (a liberdade é o *único valor* e o valor absoluto na medida em que só através dela pode haver valor algum). A liberdade assenta sobre o nada. Ou, mais propriamente, ela é o nada: é a possibilidade de o sujeito ser, pela consciência, o ser que ele não é, e de não ser o ser que ele é (Sartre, 1943).

³⁴ «Mas o que é o espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo próprio. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação *em si*, mas sim o seu *voltar-se* sobre si próprio, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida» (Kierkegaard, 1979, p. 33).

entre existentes históricos insubstituíveis, de tal modo que o enriquecimento espiritual de um se traduz no enriquecimento espiritual do outro³⁵.

É através dela que o sujeito (fruto da sua liberdade) escolhe a possibilidade de se constituir como começo absoluto. Apesar disso, *nunca se sentirá seguro* no mundo objectivo. Esbarra sempre com *limites* que põem à prova o seu desejo/vontade de construir o *eu* na plenitude da comunicação unificadora com a Transcendência. Isto quer dizer que o fracasso está presente, mas o seu sentido e o seu valor consistem em fazer da comunicação um começo autêntico.

Que melhor exemplo da comunicação existencial, sempre livre e gratuita, se pode dar senão o do amor? Segundo Jaspers, o amor é a origem mais profunda da comunicação. É ele que une, ao fazer do *eu* e de outrem (separados na existência empírica), uma única e mesma *realidade* na Transcendência.

c) A historicidade

A historicidade também é, à semelhança da liberdade e da comunicação, um começo autêntico e absoluto que se revela através da sua realização.

Paralelamente ao que acontece na comunicação, Karl Jaspers não se refere à historicidade no seu sentido corrente, nem ao conteúdo das ciências históricas. A historicidade existencial diz respeito à história íntima do ser-*no*-mundo através da qual a Existência se revela simultaneamente temporal e eterna, necessária e livre. Diz respeito à história fundamental e autêntica que se constrói *dentro* do tempo e do espaço humanos.

Enquanto *sujeito-em-situação*, o existente de-

ve tomar sobre si a sua situação e assumi-la. Ela dá-lhe a consciência da historicidade profunda que se constitui na coincidência entre o *Dasein* e o seu *eu* pessoal, uma vez que historicidade e Existência são aspectos de uma mesma realidade vivida. A consciência que o ser-no-mundo tem da sua realidade existencial, nas suas diversas manifestações, flui através da sua historicidade.

Por ela, a liberdade e a comunicação enraízam o sujeito no ser e na situação fazendo com que *a liberdade não se construa sobre o nada*. Comprometem-no num tecido feito de passado, presente e futuro, e espelham a unidade fundamental que caracteriza a Existência.

Para Karl Jaspers, a historicidade existencial é, em primeiro lugar, a unidade do *Dasein* e da Existência, na medida em que o presente histórico concreto é a liberdade através da qual a Existência se manifesta nesse mesmo *Dasein*. Em segundo lugar, é a unidade da necessidade e da liberdade, uma vez que é através da historicidade que as situações impostas como necessárias são apreendidas como possibilidades da própria liberdade. Por último, ao conciliar reminiscência (o passado), presença (o presente) e expectativa (o futuro), ela é também unidade entre o tempo e a eternidade. Como referem Jean Wahl (1962) e Régis Jolivet (1975), a Existência é sempre temporalidade e intemporalidade, que não existem uma sem a outra.

2.2.3. As cifras

As situações-limite também são, para Karl Jaspers, cifras da Transcendência. *Intermediárias* entre a Existência e a Transcendência, traduzem a definitiva impotência do sujeito para, ao nível da Existência, dar pleno sentido ao ser-*no*-mundo. São os *sinais* através dos quais se abre a fresta por onde se anuncia uma perspectiva infinita – o Absoluto.

Perante a contradição que sente em si, o homem *sabe* que há *algo* diferente de tudo e de todos, e que não é ele mesmo nem os outros existentes. Um domínio situado *para além* da possibilidade, para além da liberdade e da escolha: o domínio da Transcendência.

Como a Transcendência tudo transcende, nada há que não seja ou não possa ser sua cifra. Até mesmo qualquer objecto do mundo, seja um acontecimento, a natureza ou uma parte dela, po-

³⁵ «O significado essencial do encontro é o estar-com, que implica a presença (de estar-por-si), a reciprocidade (enquanto troca ou estar-para-o-outro), o cuidado (no acolhimento do outro) e, ainda, um laço emocional entre um *Eu* e um *Tu* que criam um *Nós*, numa reciprocidade activa» (Carvalho Teixeira, 1993, p. 623); sugere-se também Carvalho Teixeira (1994). No encontro, «a epifania do rosto como rosto abre a humanidade. O rosto na sua nudez de rosto apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro; mas essa pobreza e esse exílio que apelam para os meus poderes visam-me, não se entregam a tais poderes (...)» (Levinas, 1988, pp. 190-191).

dem ser uma cifra. A seu modo, tudo *fala* ou *ex-prime* algo que não se pode definir e, na qualidade de cifra, fará desaparecer a opacidade da sua matéria, conquistando a sua transparência em relação à Transcendência. Nesse momento, o acontecimento transforma-se em situação e passa a integrar a historicidade pessoal do sujeito.

No seio da *Existenzphilosophie*, a Transcendência nunca deixa, porém, de ser Transcendência. Jaspers fundamenta-a de um modo peculiar, exigente e rigoroso. Ela não ama, não responde nem se desvela (Jaspers, 1956, vol. 2). Nem mesmo nas cifras, sob pena de deixar de ser a própria Transcendência para se transformar nalgum tipo de manifestação sua. Ela deixa-as, a todas, no seu equívoco, reenviando o homem à sua própria liberdade.

O indivíduo não pode atingir a Transcendência, mas podemos *lê-la* por meio das cifras. Essa leitura é uma *acção interior*, sempre livre e pessoal. É um acto individual que traduz o combate desse indivíduo *para* a Transcendência, ao mesmo tempo que revela a sua fé (Jaspers, 1956, vol. 3).

Cada um desses *actos* é um momento intenso e raro em que o homem se decide pela liberdade, *sabe* que é e pode dizer *eu sou, eu existo*. É um *salto* através do qual alcança uma espécie de plenitude tão autêntica e tão pura que chega a ser *dolorosa*.

Ao dar esse salto, o sujeito torna-se, ele próprio, origem (*Ursprung*) e começo. Sem pré-condições. Ao tomar consciência de si e da sua Existência, o homem sabe, mesmo sem o poder explicar, que a Existência não é um conceito, mas um sinal ou uma cifra que nos orienta para além de toda a objectividade.

Quando fundamenta a diversidade das cifras, Jaspers refere-as em duas categorias: as objectivas e as subjectivas. As primeiras, partem do *Dasein* e são a *linguagem da Transcendência*. Temos, como exemplos, a experiência da natureza, os mitos religiosos que Jaspers considera falsos, e as provas da existência de Deus que considera inválidas por nos darem a segurança que não podemos ter. As segundas, que Jaspers considera as mais importantes, são cifras que partem da própria Existência. É nestas que o *eu* se reflecte, uma vez que é no uso da liberdade que a Existência se descobre como não absoluta e encontra, em si mesma, os sinais da Transcên-

dência. Para a *Existenzphilosophie*, o fracasso é, por excelência, a cifra subjectiva.

a) O fracasso

É, de entre todas, a cifra derradeira e inevitável. Todas as outras são verdadeiras somente se culminam na cifra das cifras (que é o fracasso). Aquela que desfaz a ilusão de confundirmos o *Dasein* ou a liberdade com o Ser Absoluto, e aquela que nos mostra o caminho da Transcendência.

À luz da Filosofia da Existência de Karl Jaspers, o fracasso está em toda a parte porque o *Dasein* está condenado à morte. Desta forma, tudo na vida do sujeito o confronta com a experiência de que o ser morrerá. «¡Qué tristes son las perspectivas para el futuro, sin otra posibilidad que la de ser menos cada vez!...». «No hay posibilidad de un estado puro. Siempre hay algo que falla» (Jaspers, 1969, pp. 208 e 211). Como se, a todos os níveis, o fracasso fosse uma lei universal ou a aceitação do mundo como facto bruto.

Além disso, e no que se refere ao sujeito, este também nunca está completamente acabado. A existência-com-o-outro-no-mundo reforça esse inacabamento e torna a experiência do fracasso ainda mais profunda. Tão profunda que se torna *culpabilidade*. O sujeito vive um *sentimento de culpa* que nasce da impossibilidade original do *Dasein* que não se basta a si mesmo e deve morrer, por um lado, e da sua própria liberdade, por outro. O sujeito contrai culpa porque, ao querer o impossível, não pode ser completamente o que quer.

O fracasso surge, por conseguinte, da *antínomia da liberdade*: ou a liberdade entra em conflito com a natureza e destrói o *Dasein*, ou ela se identifica com a natureza aniquilando a Existência enquanto liberdade. Se o sujeito se escolhe enquanto natureza, fracassa como Existência; se ele se escolhe enquanto Existência, fracassa como *Dasein*. Pelo primeiro caminho, o sujeito encara tanto a ruína como a salvação que dizem respeito ao *Dasein*. Pelo segundo, a Existência autêntica destruirá a sua consistência e a sua estabilidade porque a liberdade tem que fracassar como liberdade e como *Dasein*. Assim se tece o caminho para a Transcendência.

Jaspers não foi indiferente à viragem que Nietzsche deu à metáfora náutica do naufrágio

com espectador, a partir da célebre fórmula de Pascal «vous êtes embarqués»³⁶, a avaliar pelo modo como retira ao fracasso, na qualidade de cifra, o carácter de fim ou de «noite» (Jaspers, 1956, vol. 3) que é frequente atribuir-lhe. Em *Philosophie*, o fracasso não é a «noite», é o próprio caminho.

Do mesmo modo, também não foi indiferente ao tratamento expedito que Goethe deu a essa mesma metáfora que, talvez melhor do que qualquer outra, responde à intranquilidade que afecta secretamente a finitude do sujeito³⁷. À luz da *Existenzphilosophie*, o homem está condenado a naufragar no mundo (Jaspers, 1956, vol. 2)³⁸. Somente em pleno naufrágio poderá converter o fracasso em vitória e ressurgir de novo por ter encontrado o caminho que dá acesso a si mesmo e à realidade que incomensuravelmente o ultrapassa. Como se pode ler em *Philosophie*: «Nicht durch schwelgen in der Vollendung, sondern auf dem Wege des Leidens im Blick auf das unerbittliche Antlitz des Weltenseins, und in der Unbedingtheit aus eigenem Selbstsein in Kommunikation kann mögliche Existenz erreichen, (...)»³⁹ (Jaspers, 1956, vol. 3, p. 236). Há sempre caminho(s) na esteira de um cami-

nho. Razão pela qual, o fracasso é, para o ser-no-mundo, o sinal mais forte da presença da Transcendência no coração da imanência.

Se, por um lado, a sua invencibilidade torna vã a luta do sujeito contra ele, desejá-lo ou planeá-lo seria, por outro lado, absurdo. Do ponto de vista existencial, há que experimentar a Existência no fracasso⁴⁰, de acordo com as palavras de Jaspers em *Philosophie*: «(...) was nicht zu planen ist und als gewünscht sinnwidrig wird: in Scheitern das Sein zu erfahren» (Jaspers, 1956, vol. 3, p. 236)⁴¹.

Quando tudo, em redor do sujeito, parece desmoronar-se, a cifra derradeira permanece em aberto exigindo de novo uma escolha. «Se exigirá siempre de mí algo que no puedo dar. Pero ¿es que podría dar algo que nadie me exige, si alguna vez alguien me lo exigiera?» (Jaspers, 1969, p. 208). O caminho a seguir é o da *aceitação activa* do fracasso⁴². Nem resignação, nem desistência. Nem sequer a ilusão de destruir o mal⁴³. Porque esta via da aceitação activa é a mesma do *repouso pelo fracasso*. Um repouso que se conquista somente no instante da Existência, aceitando-o sem garantias objectivas.

O fracasso supera-se no acto da escolha sempre que o sujeito opta livremente pela Existência. Na cifra das cifras, através da *fé filosófica*, o homem lê a Transcendência e acredita na Existência; o sujeito regressa à consciência de si e da sua historicidade livre.

2.3. A Transcendência

De acordo com o supra-referido, embora a Existência seja muito mais do que o *Dasein*, não se basta a si mesma. Não é tudo nem é por si.

³⁶ «Oui, mais il faut parier. Cela n'est pas volontaire, vous êtes embarqués. (...) Il faut choisir» (Pascal, 1963, p. 550). Pascal, na linha de continuidade do pensamento de Santo Agostinho, e por oposição a Descartes, também integra as origens fundadoras do tradicionalmente designado «existencialismo» (Campbell, 1969).

³⁷ Ela exige algo exterior à linguagem, exige «o gesto relacional e tensional de algo entre o devir mundo da linguagem (enquanto realização de um projecto) e o devir linguagem do mundo (enquanto projecto a realizar)». «O que significa que «viver» está sempre em aberto, no imenso mar dos possíveis (dos monstros e das sereias, mas também da coragem e do sofrimento dos que se entrecruzam apesar do perigo)» (Blumenberg, 1990, pp.10 e 15).

³⁸ E tem que se «(...) agarrar como náufrago à prancha que nos salva e tirar dos sentidos os caixotes e baús perdidos» (Werke, cit in Blumenberg, 1990, p. 32).

³⁹ Não é no saborear da realização, mas no caminho da dor, no olhar para o rosto implacável da existência do mundo e na incondicionalidade da própria Existência em comunicação, que pode ser alcançada uma possível Existência (T.A.).

⁴⁰ Dans l'échec faire l'épreuve de l'être, na tradução francesa.

⁴¹ (...) O que não pode ser planeado, e se for desejado se torna absurdo: experimentar o Ser no fracasso (T.A.).

⁴² Nietzsche também distingue e fundamenta um nihilismo passivo e um nihilismo activo, consoante a metamorfose do sujeito e/ou da cultura (a da lenta e pavorosa travessia da imensidão do deserto, pelo camelo; ou a da desmistificação da cultura e da transmutação dos valores, pelo leão, respectivamente).

⁴³ Neste aspecto, Jaspers distancia-se do nihilismo nietzscheano.

«Existenz ist nur in bezug auf Transzendenz oder gar nicht. In diesem Bezug hat sie ihr Ungenügen, oder mit der Aufhebung des Zeitdaseins ihr mögliches Genügen» (Jaspers, 1956 vol. 3, pp. 5-6)⁴⁴. Ela é, devido a uma espécie de luta contra o *Dasein* e contra a consciência em geral, e devido à presença do absolutamente *Outro* pela qual conquista a consciência dos seus limites. Só existe *em relação*: com outra(s) Existência(s) e com a Transcendência.

Ela está, portanto, sempre inclinada para o *ser*, e nisso consiste a sua Transcendência. «Existenz kann von sich weder Endlichkeit noch Unendlichkeit oder beides aussagen. Sie ist das unüberwindbare, weil unendliche *Ungenügen*, das eines ist mit dem *Suchen* der Transzendenz»⁴⁵ (Jaspers, 1956, vol. 3, pp. 5-6). Se nada existisse para além do homem, ou não existiria ele também, ou transformar-se-ia naquilo que ele não é (Jaspers, 1956, vol. 1). Neste caso, a razão (confinada aos seus próprios limites) poderia apenas pensar o transcendente no mesmo plano em que pensa o mundo, deixando a Transcendência de ser ela mesma para ser simplesmente um outro *Dasein*.

A Transcendência ou Englobante é, para Jaspers, e recorrendo à terminologia de Jean Wahl (1962), o ser-em-si. Enquanto ser-em-si, ela é irreduzível ao particular e determinado e/ou ao ser da consciência em geral. «Was aber sich auf Transzendenz bezieht, ist als Endlichkeit nicht seinen unendlichen Wesen gemäß, als Unendlichkeit nicht in seinem Ungenügen getroffen»⁴⁶ (Jaspers, 1956, vol. 3, p. 5). Ou seja, enquanto finitude, a Existência está sempre aquém da Transcendência não podendo corresponder à sua essência infinita. Enquanto essência

infinita, o Transcendente está sempre para além das suas insuficientes manifestações espaciais-temporais. «Was leicht ist als gesagt, ist nie ganz gegenwärtig. In jeder Antizipation des bloßen Gedankens wird es unwahr»⁴⁷ (Jaspers, 1956, vol. 3, p. 236). Não pode tornar-se objecto, nem pode tornar-se presente à consciência.

Para Jaspers, a afirmação da Transcendência não equivale à negação de Deus. O que este filósofo alemão rejeita (mesmo admitindo que se trate de Deus) é a ideia de um Deus-Causa-Primeira-do-mundo ou a ideia de um Deus revelado, Criador e Providencial. Todas as manifestações históricas, incluindo a própria Revelação, às quais o homem se tem agarrado por as considerar provas da existência ou da inexistência de Deus, não passam, em seu entender, de cómodas idolatrias que apenas favorecem a promulgação de dogmas. Como sublinha Campbell (1969), se o homem pudesse provar, não precisava de crer ou acreditar. Segundo Jaspers, essas provas não são elaboráveis e a filosofia existencial não se pode acomodar.

Qualquer verdade, desde a da ciência à da Existência, desde a da religião à da história, ou até mesmo a verdade da poesia e a da filosofia, todas elas são simplesmente vias que desembocam na Verdade que é a Transcendência, no encontro entre as liberdades e a Liberdade.

Unificadora, a Transcendência organiza, numa dialéctica perene de dualidade e ambivalência, os temas mais diversos e polariza as existências finitas *atirando-as e/ou atraindo-as* para o Infinito. É dela que, na Totalidade, deriva a separação (*Spaltung*) entre o sujeito e o objecto, porque a *diferença* e a *cisão* constituem os seus *modos* fundamentais. Aqueles onde colhe a capacidade de todas as determinações, aqueles que caminham para uma Totalidade mais ampla e mais fecunda.

Ser Absoluto, transcende tanto o *Dasein* como a Existência e, porque transcende, não se pode revelar. Vive a sua vida *em-si*. Apoiar o mundo, mas sem o amar e sem se interessar por ele. Também não precisa nem depende da liberdade.

⁴⁴ A Existência só está relacionada com a Transcendência, ou não está. Nesta relação, tem a sua insuficiência ou, com a anulação da existência do tempo, a sua suficiência possível (T.A.).

⁴⁵ A Existência não pode afirmar-se a si própria nem como finitude nem como infinidade, ou ambas as coisas. Por ser a *insuficiência* infinita, é intransponível e é um só com a *procura* da Transcendência (T.A.).

⁴⁶ (...) Aquilo a que se refere a Transcendência não corresponde, enquanto finitude, à sua essência infinita, e enquanto infinidade não é atingido na sua insuficiência (T.A.).

⁴⁷ O que é simples, como ficou dito, nunca está completamente presente. Torna-se falso em cada antecipação do simples pensamento (T.A.).

Seria um erro fazer da liberdade um transcendente, pois deixariam ambas de ser o que são. Para Jaspers, a Transcendência é ao mesmo tempo o *Abgrund*, o *Ungrund* e o *Urgund* dos grandes mestres (Antunes, 1973). A forma mais adequada pela qual o homem a pode perspectivar é o *Silêncio*. Não é precisamente no Silêncio que culmina a última palavra, tanto do pensamento como da comunicação?

Na obra jasperiana, a Transcendência também não se conhece nem se experimenta, *crê-se*. Crê-se porque se reconhece, e não porque se invoca. Pode *ler-se* no(s) fracasso(s), cujo sentido mais profundo é a própria Transcendência. Ela não é o fim nem a finalidade da afirmação existencial, é a possibilidade dessa mesma afirmação existencial: está suposta no princípio, não no fim. Funda a própria origem (*Ursprung*) da qual tudo emerge.

Não é possível ao homem deduzi-la pela via científica, nem construí-la idealisticamente, mas dá sentido e significação à actividade filosófica autêntica. Do ponto de vista humano, a Transcendência apenas pode ser esclarecida, uma vez que é ela que tudo esclarece (Antunes, 1973): a Razão e o entendimento, a consciência e a Existência, a liberdade e o valor, a comunicação e a solidão, o silêncio e a linguagem, o ser e o tempo.

A Transcendência *já-lá-está*, impelindo o homem que, por sua vez, transcende o mundo e se transcende a si mesmo como *Dasein*. Como salienta Jean Wahl (1962), é importante que distingamos os dois sentidos diferentes e complementares da noção jasperiana de Transcendência: ela não diz somente respeito ao domínio do Absoluto, mas concerne também ao movimento de transcendência que o sujeito pessoal realiza incessantemente para se ultrapassar a si mesmo. Assim como a Verdade é o nosso caminho, a Transcendência é o sentido da Existência. Como refere Manuel Antunes (1973), um caminho múltiplo e diverso, mas sempre convergente.

2.3.1. A fé filosófica

A fé filosófica é outro dos conceitos característicos do pensamento jasperiano e um dos seus problemas fulcrais. Designa uma *exigência natural* do sujeito perante os fracassos que lhe revelam que o mundo não é tudo e não está

fundado em si mesmo. O *eu* acredita que há algo a fazer, e por isso *crê*.

Não constitui sequer uma analítica fenomenológico-existencial, nem um irracionalismo puro e simples, nem uma ontologia totalitária⁴⁸ e menos ainda uma gnose. De acordo com Jaspers, a *fé* é a expressão máxima da liberdade humana, o único caminho conducente à certeza existencial e ao acto interior pelo qual o sujeito *encontra* o Ser dos seres. É o «único método válido» que leva à Transcendência (Jolivet, 1975).

Karl Jaspers considera a fé filosófica e a crença religiosa como duas irmãs *irreconciliáveis* que se combatem sem deixarem de ser irmãs. Nessa irreconciliação, apenas a fé filosófica se constitui, em seu entender, como *método* válido e coerente, ao nível *metafísico*. A religião permanece no âmbito da orientação do mundo (e, portanto, ao nível do *Dasein*) porque, à semelhança do saber científico, mesmo quando se baseia em factos, é para os alicerçar em regras fixas que irão sustentar o conforto dos dogmas de que vive e se alimenta. Razão pela qual Jaspers pretende distanciar-se radicalmente da fé teológica cuja base é, ou a revelação, ou uma crença.

O objecto, a intencionalidade e o *élan* da fé filosófica caminham para a Transcendência enquanto *Realidade Absoluta*. Atravessam as vias da Revelação mas rejeitam-nas, sem destruir o seu conteúdo ou as suas *cifras*. A Transcendência, incognoscível, impensável e inexprimível, está para além da linguagem humana. É a origem e o objecto da *Metafísica*. Como se pode ler em *Entre el Destino y la Voluntad*: «El mar es símbolo de libertad y de transcendencia. Es como

⁴⁸ «Existenzerhellung ist nicht Ontologie – Ontologie faßte entweder den Gedanken des *Alls*, aus dem das Viele in Subjektivität und Objektivität als aus seinem Grunde hervorgeht. Oder sie faßte ursprünglich das *Viele* in seiner Einzelheit, Diesheit, Einmaligkeit, wie es in Subjektivität und Objektivität da ist» (Jaspers, 1956, vol. 2, p. 429). A clarificação da Existência não é ontologia – a ontologia, ou abrange a ideia do *Todo*, do qual a multiplicidade emerge como que do seu fundo em subjectividade e objectividade, ou abrange originalmente a *multiplicidade* na sua particularidade, essência e unicidade, tal como existe na subjectividade e objectividade (T.A.).

una revelación encarnada del fundamento de las cosas. El filosofar lleva en sí la exigencia de mantenerse a flote sabiendo que en ninguna parte se halla un fundamento sólido, pero que precisamente así nos hablará el fundamento de las cosas» (Jaspers, p. 22), porque, como escreve Frederico Pereira (2000, p. 13), «(...) não está “ultrapassada” a permanente aspiração do humano à compreensão e à descoberta do sentido, e à sua própria construção». Fazer da Transcendência o objecto de uma religião, ou mesmo de uma filosofia, equivaleria à sua destruição. Só uma fé pura, isenta de experiência empírica, acima do entendimento e distinta da fé teológica, terá a dignidade e o poder de elevação que a Transcendência requer. De acordo com a *Existenzphilosophie*, o homem que crê, e na medida em que crê, supera o seu fracasso. Somente a fé filosófica o ajudará a ler a Transcendência, a dar o salto pelo qual a Existência colhe todo o seu sentido e autenticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, N. (s.d.). *Introdução ao existencialismo*. Lisboa: Editorial Minotauro.
- Antunes, M. (1973). *Grandes contemporâneos*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Blumenberg, H. (1990). *Naufração com espectador: Paradigma de uma metáfora da existência*. Lisboa: Vega.
- Campbell, R. (1969). *L'existencialisme*. Paris: Éditions Foucher.
- Carvalho Teixeira, J. A. (1994). Fenomenologia, existencialismo e psicopatologia. In *Fenomenologia e psicologia* (pp. 47-54). Lisboa: ISPA.
- Carvalho Teixeira, J. A. (1993). Introdução às abordagens fenomenológica e existencial em psicopatologia (I): A psicopatologia fenomenológica. *Análise Psicológica*, 11 (4), 621-627.
- Deleuze, G. (1983). *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70.
- Dufrenne, M., & Ricœur, P. (1947). *Karl Jaspers et la philosophie de l'existence*. Paris: Éditions du Seuil.
- Fragata, J. (1991). Jaspers (Karl). In *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (Vol. 3, pp. 29-37). Lisboa: Verbo.
- Heidegger, M. (1984). *El ser y el tiempo*. Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- Husserl, E. (1976). *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Paris: Éditions Gallimard.
- Ionescu, S. (1991). *Quatorze approches de la psychopathologie*. Paris: Éditions Nathan.
- Jaspers, K. (1956). *Philosophie* (3 vols.). Berlin: Springer-Verlag.
- Jaspers, K. (1968). *A situação espiritual do nosso tempo*. Lisboa: Moraes Editores.
- Jaspers, K. (1969). *Entre el ser y la voluntad*. Madrid: Ediciones Guadarrama.
- Jaspers, K. (1979). *Psicopatologia geral* (2.ª ed.) (2 vols.). S. Paulo: Livraria Atheneu.
- Jolivet, R. (1975). *As doutrinas existencialistas* (4ª ed.). Porto: Livraria Tavares Martins.
- Kant, I. (1985). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kierkegaard, S. (1979). *O desespero humano: (Doença até à morte)* (6.ª ed.). Porto: Livraria Tavares Martins.
- Lacroix, J. (1968). *Panorama de la philosophie française contemporaine* (2ème éd.). Paris: PUF.
- Levinas, E. (1988). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Marcel, G. (1968). *Être et avoir*. Paris: Éditions Aubier-Montaigne.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Éditions Gallimard.
- Nietzsche, F. (1985). *Assim falava Zarathustra*. Viseu: Guimarães Editores.
- Pascal (1963). *Œuvres complètes*. Paris: Éditions du Seuil.
- Pereira, F. (1994). Heidegger e a relação, o *Dasein* é relação (Notas para uma conferência menor). In *Fenomenologia e psicologia* (pp. 3-10). Lisboa: ISPA.
- Pereira, F. (2000). *Sonhar ainda: Do sonho-desejo realizado ao sonho emblemático* (2.ª ed.). Lisboa: ISPA.
- Sartre, J.-P. (1938). *La nausée*. Paris: Éditions Gallimard.
- Sartre, J.-P. (1943). *L'être et le néant*. Paris: Éditions Gallimard.
- Sartre, J.-P. (1986). *Questions de méthode*. Paris: Gallimard.
- Sartre, J.-P., & Ferreira, V. (1978). *O existencialismo é um humanismo* (4.ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Trotignon, P. (1985). *Les philosophes français d'aujourd'hui* (4ème éd.). Paris: PUF.
- Wahl, J. (1962). *As filosofias da existência*. Lisboa: Publicações Europa-América.

RESUMO

O estatuto da filosofia é o de *Filosofia da Existência* (*Existenzphilosophie*). É, por isso, imprescindível manter numa abertura constante e em permanente tensão os seus dois extremos: a Razão e a sua universalidade, e a Existência e a sua singularidade incomunicável. Quanto ao espaço da filosofia, ele é o da verdade mais universal, do acolhimento mais amplo e da

decisão mais ousada, no sentido de tudo compreender e transcender, ou tudo compreender transcendendo. Por último, *o sentido da filosofia é o de servir de base à vida*. Revela-se a todo e a cada homem que nasceu para o descobrir e para se decidir livremente a procurá-lo com um coração puro e consciente de que esta é a única forma de o poder encontrar, uma vez que ele não é constringente nem pode, ao contrário da verdade, ser universal.

Fiel à Existência e ao seu pensamento, Karl Jaspers nunca aceitou a denominação de «existencialista» porque nunca defendeu um «existencialismo», o que equivaleria a reduzir tudo à existência, transformando-a num valor absoluto e aniquilando desse modo o seu sentido. *A Existência não é absoluta, é a Existência possível*. Uma superação constante de si mesma feita de luta, fracasso e fé filosófica.

A Existência não é um valor nem um conceito. É liberdade, comunicação, historicidade: o compromisso fundamental do *eu-consigo-mesmo, -com-o(s)-outro(s)-e-com-o-mundo*. O pensamento, por seu lado, só tem sentido na fidelidade autêntica a essa Existência que é, no seu âmago, cifra da Transcendência. O valor dessa fidelidade concentra-se na decisão constante pela escolha, apesar do fracasso e da culpa. Uma fidelidade que se prolonga até à morte, onde se esgotam as possibilidades do *Dasein*.

No seu conjunto, a obra de Karl Jaspers dá-nos, pela sua autenticidade e pela sua humanidade, *uma chave hermenêutica* para as várias oscilações do *ser-no-mundo* enquanto *projecto existencial*. Dá-nos, acima de tudo, um caminho para a mudança de atitude capaz de converter a derrota em vitória e de transformar a insuficiência e a decepção em *élan* e em certeza existencial, de transformar a morte em vida.

Palavras-chave: Filosofia da Existência, *Dasein*, Existência, Transcendência, inquietação existencial, situações-limite, liberdade, escolha(er), comunicação, historicidade, fracasso, fé filosófica.

ABSTRACT

The status of philosophy is that of the *Philosophy of*

Existence (Existenzphilosophie). It is, therefore, extremely important to maintain open and in permanent tension its two extremes: Reason and its universality, Existence and its incommunicable singularity. In relation to the space of philosophy, it is that of the most universal truth, of the vaster reception and of the most bold decision as to understand and transcend everything or understand everything transcending. Finally, *the sense of philosophy is to be the basis to life*. It reveals itself to all and each man who was born to discover it and decides freely to seek it with a pure heart and conscious that this is the only way he can find it, since it is not constricted nor can, contrary to the truth, be universal.

Faithful to Existence and its thought, Karl Jaspers never accepted the denomination of «existentialist» because he never defended «existentialism», that would mean reduce everything to existence transforming it into an absolute value and therefore annihilating its sense. *Existence is not absolute, it is the possible Existence*. It is a constant surpass of itself made of struggle, failure and philosophical faith.

Existence is not a value nor a concept. It is freedom, communication, historicity: the fundamental compromise of the «I»-with-itself,-with-others-and-with-the-world. Thought, on the other hand, only has sense in a truly faithfulness to that Existence that is, in its essence, cipher of Transcendency. The value of that faithfulness concentrates on the constant decision of choice, despite failure and blame. A faithfulness that extends itself until death, where *Dasein's* possibilities end.

In its whole, Karl Jaspers' work gives us, due to its authenticity and humanity, *a hermeneutical key* to the various oscillations of the *being-in-the-world* as an *existential project*. It gives us, above all, a way to a change of attitude capable of converting failure into victory and of transforming insufficiency and deception into *élan* and in existential certainty, death into life.

Key words: Philosophy of Existence, *Dasein*, Existence, Transcendency, existential inquietude, limit-situations, freedom, choice/(to) choose, communication, historicity, failure, philosophical faith.